

Valor da cesta básica atinge 50% de um salário mínimo

Pacote compromete 48,7% da renda do trabalhador campineiro

Por Raquel Valli

A cesta básica em Campinas (SP) iniciou o ano de 2026 com alta de 0,98%, batendo R\$ 790,47 em janeiro, comprometendo 48,7% do salário mínimo (R\$ 1.621,00), ou seja, quase metade do salário do trabalhador.

O custo é o maior desde julho do ano passado, quando o valor registrado totalizou R\$ 796,14, de acordo com Observatório PUC-Campinas.

A cesta considera o sustento de um trabalhador por um mês, e, para uma família de quatro pessoas, composta por dois adultos e duas crianças, a demanda mínima necessária seria a três cestas, totalizando R\$ 2.371,42 só para gastos com alimentação.

Mas, não é só isso. “A cesta básica, em várias capitais, e em algumas metrópoles, como Campinas, tem o preço como um indicador de poder de compra”, ensina o economista José Afonso da Costa Bittencourt. “A alta demanda interna com consumo em alta também pode influenciar, mas não acredito que seja o caso no momento”, acrescenta.

Ainda de acordo com o especialista, o que impactou diretamente no custo foi a logística, com o aumento do valor do combustível em janeiro em todo o Brasil, um impacto até maior que os 30% do tomate, pois a logística atinge todos os itens.

No comparativo entre as metrópoles brasileiras, Campinas ocupa a quarta posição entre as mais caras, visto que apenas três capitais apresentam valor superior ao da cidade interiorana: São Paulo (SP), com R\$ 854,00; Rio de Janeiro (RJ), com R\$ 818,00; e Porto Alegre (RS), com R\$ 795,00. Mas, o índice campineiro supera os gastos observados em Campo Grande (MS) onde a cesta custa R\$ 783,00; em Curitiba (PR), R\$ 748,00; Vitória (ES), R\$ 743,00; Belo Horizonte (MG), R\$ 738,00; e Goiânia (GO), R\$ 736,00.

Itens

Em janeiro, seis dos 13 produtos que compõem a cesta campineira ficaram mais caros.

O tomate liderou, com avanço de 30,25%, seguindo pela manteiga, com 8,14%; o arroz, com 2,97%; o pão francês, com 2,53%; o leite, com 0,91%. Por outro lado, o custo de vida foi atenuado pela redução nos valores da banana, que caiu 11,57%; da batata, -7,23%; e da carne, -2,71%. O óleo e a farinha tam-



Agência Brasil

Tomate puxou a alta entre os itens mais caros da cesta básica campineira

Arquivo Pessoal



O economista José Afonso da Costa Bittencourt

bém recuaram 1,50% cada, enquanto o feijão teve leve queda de 0,46%. “O fator climático impacta diretamente com o excesso de chuvas e geadas, principalmente no preço da soja, do feijão e do tomate”, aponta Bittencourt.

Pesquisa

A metodologia aplicada pela PUC-Campinas utiliza os parâmetros estabelecidos pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) - instituição criada em 1955 pelo movimento sindical para produzir pesquisas, estudos técnicos e estatísticas sobre trabalho, emprego e custo de vida no Brasil. O levantamento fundamenta-se em um decreto-lei de 1938, que define treze itens alimentares e quantidades específicas para suprir o sustento de um

trabalhador adulto durante trinta dias.

A composição respeita os padrões de consumo da região Sudeste e inclui nove quilos de tomate, sete litros e meio de leite, seis quilos de carne, seis quilos de batata, seis quilos de pão francês, quatro quilos e meio de feijão, três quilos de arroz, três quilos de açúcar, um quilo e meio de farinha, setecentos e cinquenta gramas de manteiga, setecentos e cinquenta mililitros de óleo, seiscentas gramas de café e noventa unidades de banana.

A coleta de dados ocorre em 28 supermercados, com visitas feitas pelos entre a segunda e a terceira semana de cada mês, em datas fixas, para evitar distorções causadas por promoções temporárias em diferentes estabelecimentos comerciais.

Capitais em 2025

No acumulado do último semestre do ano passado, o preço da cesta básica havia caído em todas as 27 capitais brasileiras. A campeã foi Boa Vista (RR), com redução de -9,08% no valor, passando de R\$ 712,83 em julho de 2025, para R\$ 652,14 em dezembro - R\$ 60,69 a menos.

Na sequência, Manaus (AM) apresentou -8,12%, saindo de R\$ 674,78 para R\$ 620,42, economizando R\$ 54,36. Fortaleza (CE) ocupou a terceira posição, com queda de -7,90%, passando de R\$ 738,09, em julho, para R\$ 677, em dezembro, R\$ 61,09 mais barata. Já as que tiveram menores baixas foram Belo Horizonte (MG), com queda de -1,56%; Macapá (AP), -2,10%; e Campo Grande (MS), 2,16%.

À época, o presidente da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) Edegar Pretto comemorou afirmando: “essa queda generalizada é fruto dos investimentos que o governo federal vem fazendo no setor agropecuário brasileiro, aumentando a produção de alimentos para o consumo interno nacional”.

Ele destacou, entre as justificativas, os planos Safrá dos últimos três anos, tanto os empresariais quanto os da Agricultura Familiar. “Já são três anos que ambos têm valores recordes, não faltando recursos para o financiamento agrícola, e com juros subsidiados”.

Mortes no trânsito tem o menor índice desde 2021

Campinas encerrou o primeiro mês de 2026 com o menor número de mortes no trânsito registrado desde 2021. O Boletim Informativo de Óbitos no Trânsito, publicado pela Emdec (autarquia responsável pelo tráfego campineiro), indica seis mortes no período, sendo uma em via urbana e cinco em rodovias. O índice total representa queda em relação aos anos anteriores: cinco em 2021, oito em 2022, nove em 2023, oito em 2024 e 14 de 2025. Na malha urbana, a redução foi de 90% na comparação com dezembro de 2025, quando houve dez mortes, e de 88% em relação a janeiro do ano passado, que somou oito. O único registro urbano em janeiro envolveu um atropelamento de pedestre na Rua José Paulino, no Centro, no dia 10.

A análise técnica do sinistro apontou o comportamento do pedestre como fator de risco. No somatório de vias urbanas e rodovias, o perfil das vítimas inclui motociclistas, um pedestre e um ocupante de outros veículos.

Mudança

A partir deste ano, a Emdec alterou a metodologia de contagem para se alinhar aos padrões da Organização Mundial da Saúde (OMS), do Ministério da Saúde e do sistema Infosisga, do governo estadual. O critério de tempo de sobrevida passou de 180 para 30 dias após o acidente. A mudança foi aplicada retroativamente na série histórica de 2023 a 2025 para permitir comparações.

Com o ajuste, a taxa de mortalidade de Campinas passou de 13,15 para 12,65 óbitos por 100 mil habitantes, deslocando a cidade da sexta para a décima posição no ranking de cidades paulistas com mais de 400 mil habitantes.

Operações

As ações de segurança viária em janeiro incluíram a realização de 23 operações integradas, com a identificação de 712 condutas de risco, além de quatro etapas da Operação pela Vida, que aplicaram 1,2 mil testes de bafômetro, resultando em 82 autuações.

Na área de engenharia, foram implantados 17,3 mil m² de sinalização horizontal, 694 placas e 45 rampas de acessibilidade. Já o setor de educação realizou dez atividades, que impactaram 1,6 mil pessoas.